

# Influências do Dualismo Cartesiano e do Materialismo na Educação Tecnícista Brasileira: uma abordagem a partir da filosofia da mente de John Searle

JAMIL IBRAHIM ISKANDAR<sup>1</sup>

KLEBER B. CANDIOTTO<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho apresenta uma reflexão sobre o dualismo cartesiano e o materialismo na Educação Tecnícista brasileira, baseado na filosofia da mente de J. Searle. A exposição elenca alguns fundamentos e a influência que os pensamentos dualista e materialista exerceram no passado e exercem ainda no início deste século. Serão mostrados argumentos que indicam que tanto o dualismo como o materialismo não são suficientemente válidos para uma compreensão mais plausível da realidade. Finalmente, apresentam-se alguns fundamentos da Educação Tecnícista brasileira inspirada nas duas correntes citadas.

**Palavras-chave:** Educação Tecnícista; Filosofia da Mente; John Searle; Dualismo Cartesiano; Materialismo.

**Abstract:** This paper, based on John Searl's Philosophy of Mind, presents a reflection upon the influence of the Cartesian dualism and Materialism on the Brazilian Technicist Education. The text presents some fundamentals and discusses the influence the dualist and materialist thought has had in the past and still has in the beginning of the present century. Arguments indicating that neither dualism nor materialism is sufficiently valid for a plausible understanding of reality are introduced. Finally, some elements of the Brazilian Technicist Approach inspired on the two philosophical schools previously mentioned are presented.

**Key words:** Technicist Education; Philosophy of Mind; John Searle; Cartesian Dualism; Materialism.

## Introdução

A filosofia da Idade Moderna caracterizou-se pela importância dada ao método do conhecimento. Neste período, duas correntes rivais da filosofia tentaram justificar de que forma obtemos o conhecimento. O *empirismo*, com seu mais significativo representante Francis Bacon, afirmava que todo o conhecimento era obtido da experiência, mediante os sentidos. Assim sendo, o método aplicado

---

1 Professor do programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação na Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Doutor em Filosofia pela UNICAMP

2 Professor de Filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Mestrando em Educação na mesma instituição.

para o conhecimento era o indutivo. Por outro lado, o *racionalismo*, com seu mais ilustre representante René Descartes, ao contrário, afirma que o conhecimento advém da razão; portanto, o método aplicado para o conhecimento era o dedutivo.

Ambos são fundamentais para o desenvolvimento da epistemologia. Contudo, para o propósito da análise do presente trabalho, será analisada a teoria do dualismo desenvolvida pelo racionalismo.

## O dualismo cartesiano

Segundo Descartes, a essência do homem consiste no pensamento, o que ele chama também de alma, aproximando-se de Platão e Santo Agostinho. Ora, se a essência do homem é a alma, resta saber qual é sua relação com o corpo. Para

isso, Descartes considera o corpo como uma substância completa, existente por si, diversa da alma e oposta a ela. O corpo é constituído pela *res extensa* (coisa extensa), ao passo que a alma é constituída pela *res cogitans* (coisa pensante). Embora radicalmente diversas, essas duas substâncias encontram-se unidas no homem.

**Há dois mundos  
irredutíveis e distintos:  
o mundo do  
pensamento, da  
liberdade e da atividade  
e o mundo da extensão.**

Por ser um matemático, Descartes eleva o método matemático a método do conhecimento em geral e interpreta a natureza física de forma mecânica, como uma máquina. Tal pensamento limita a necessidade mecânica à natureza física e acaba num *dualismo* de espírito e matéria, pensamento e natureza.

Portanto, com esse intuito, Descartes vai inequivocamente das idéias para as coisas, sendo as idéias que presidem a observação e a experimentação; as idéias claras e distintas provenientes, é claro, da matemática. Assim surgem duas consequências na ciência moderna: primeiro, que conhecer significa quantificar; segundo, que o método científico moderno assenta na redução da complexidade. Conseqüentemente, as leis da natureza são constituídas de simplicidade e de regularidade, passíveis de observação e de mensurabilidade com rigor. Dessa forma, a grande hipótese universal da época moderna foi sem dúvida o mecanicismo que separou o que era possível ser medido (a natureza) do que era apenas um instrumento de conhecimento (o pensamento, ou melhor, a razão)<sup>3</sup>.

Espírito e matéria constituem, portanto, dois mundos irredutíveis e distintos. Primeiramente há o mundo do pensamento, da liberdade e da atividade; em seguida, o mundo da extensão. Espírito e matéria são duas substâncias heterogêneas, onde uma não age sobre a outra. Este dualismo metafísico, como afirma Sciacca<sup>4</sup>,

3 Cf. SANTOS, B., 1987, p. 14 -18

4 SCIACCA, 1988, p. 72.

*deixava por herança graves problemas. Não há dúvida que os dois mundos se conjugam em Deus e no homem, no qual a alma e o corpo estão em relação. O dualismo cartesiano, portanto, por um lado, punha o problema de explicar a relação e a ação recíproca entre as duas substâncias heterogêneas (espírito e matéria) e, por outro lado, o de justificar a realidade das substâncias finitas com referência a Deus, substância infinita.*

Com esses pressupostos, tal espírito precursor é ampliado e aprofundado, criando condições para a emergência das ciências sociais no século XIX. Portanto, a consciência filosófica da ciência moderna, que tivera no racionalismo cartesiano e no empirismo baconiano suas premissas e fundamentações, veio a condensar-se no positivismo, principalmente materialismo, em oposição à idéia dualista do racionalismo.

## O Materialismo

Basicamente, a filosofia trata do *materialismo* como uma perspectiva que sustenta que o mundo é inteiramente composto de matéria. Há uma certa tendência entre os filósofos contemporâneos de nomear tal perspectiva também de *fisicalismo*, pois a física mesmo mostrou que a própria matéria se decompõe em força e energia, sendo ela mesma (a matéria) apenas um entre outros habitantes fisicamente respeitáveis do universo. Contudo, para o presente trabalho, será mais prático a utilização do termo *materialismo*, pois historicamente na filosofia é um termo mais adotado.

O materialismo sustenta a tese de que tudo o que pode ser dito e é verdade pode ser dito na linguagem da física. Dessa forma, opõe-se tanto às ontologias que incluem objetos abstratos, tais como possibilidades, universais ou números, como aos acontecimentos e estados mentais na medida em que forem concebidos como entidades independentes das coisas, acontecimentos e estados físicos.

A linha de pensamento do materialismo tem, na filosofia, uma história que remonta ao atomismo grego, quando a escola atomista sustentava a teoria de que as coisas eram feitas de pequenas partículas indivisíveis, às quais deram o nome de átomo. Porém, o materialismo ficou adormecido por mais de quinze séculos, emergindo na época moderna, mais especificamente no *Leviatã* de Hobbes.

Tradicionalmente, o materialismo se reforçou a partir do período moderno como uma oposição ao dualismo cartesiano mente-corpo. Contudo, por ser uma oposição ao dualismo cartesiano, não significa que o termo materialismo se refere ao desejo excessivo de bens ou de riqueza. Portanto, repetindo, o elemento característico do materialismo é a luta contra o dualismo de matéria e espírito e contra as metafísicas da transcendência, luta certamente motivada em nome de outra

metafísica, ou seja, a metafísica materialista. Assim, tal pensamento cai num monismo, onde tudo é apenas uma entidade: a matéria.

Nas correntes filosóficas desenvolvidas, praticamente não existe um total consenso entre seus intelectuais. Normalmente o materialismo tem duas concepções que foram amplamente discutidas principalmente no século XIX, que são a *dialética* e a *histórica*.

## Materialismo Dialético

O materialismo dialético é um traço dominante do marxismo, onde se combina o materialismo, concebido como uma filosofia da natureza e uma ciência englobantes, com a noção hegeliana de dialética, imaginada como uma força histórica que conduz os acontecimentos para uma resolução progressiva das contradições que caracterizam cada época histórica.

Comumente identifica-se *materialismo dialético* com *marxismo*, mas, pelo fato de existir várias espécies de marxismo, tal identificação não é plausível. Mesmo que Marx tenha sido um materialista, que seu materialismo se oponha ao materialismo mecanicista, com um pensamento de forte cunho dialético, não se pode identificar o materialismo dialético com o pensamento de Marx. O materialismo de Marx é, em contrapartida, um materialismo histórico, que será analisado posteriormente.

A formulação mais fluente do materialismo dialético encontra-se em Engels. Sua fundamentação está no raciocínio de que o caráter de luta e oposição de contrários é universal e, portanto, o próprio pensamento humano procura espelhar o caráter uniforme mas contraditório da realidade externa. Sua progressiva fundamentação chega na idéia de Lênin, onde o materialismo dialético implica que a natureza do mundo coincide com os ideais da revolução.

Pode até ser à primeira vista um paradoxo o termo materialismo dialético, pois, enquanto a dialética, no materialismo dialético enfatiza os aspectos “idealistas” e “hegelianos”, o materialismo na mesma doutrina destaca, ou pode por terminar em destacar por excesso, aspectos puramente “mecanicistas” ou “superficiais”. Por isso, o equilíbrio entre dialética e materialismo no materialismo dialético é um dos interesses de muitos autores que aderiram a essa tendência, procurando resolver tal conflito acentuando os aspectos práticos.

## Materialismo Histórico

O materialismo histórico caracteriza-se como a concepção marxista clássica da história. Os socialistas mais destacados do século XIX, Marx e Engels, descrevem o materialismo histórico como uma hipótese científica e empírica; contudo,

tal descrição se refere a um quadro de referência para as explicações históricas, tendo necessariamente a exigência de ser apreciado principalmente pela luz unificadora que lança e pelo sucesso do programa de pesquisa que produz.

Basicamente, o materialismo histórico menciona que as mudanças nas forças produtivas de uma sociedade conduzem a conflitos sociais, e as formas específicas de organização social refletem a estrutura subjacente dos meios de produção. Sua idéia fundamental consiste na transformação do mundo material por meio do trabalho. Principalmente na sociedade capitalista, o trabalho é algo desvinculado do trabalhador, tornando-se produto passível de compra e venda. Isso acontece devido ao modo de produção dos meios de existência e às relações de produção, que são as bases do entendimento da formação das sociedades. Portanto, o mundo material e o que os homens fazem com ele constituem as bases para entender a história dos homens como história das sociedades. E, dessa forma, Marx reduz a existência humana a um caráter material, sendo o materialismo o método para entender a natureza humana em seu caráter concreto e histórico.

Portanto, o materialismo, de forma geral, reduz os acontecimentos a explicações puramente materiais, ou seja, que a realidade se explica inteiramente por questões materiais; a matéria sustenta a explicação de toda a realidade, do mundo, segundo os materialistas. E toda explicação que seja destituída de atributos exclusivamente materiais é de imediato descartada pelo materialismo. Entretanto, essa explicação, assim como o dualismo, também traz sérios problemas.

## Os problemas do dualismo e do materialismo de acordo com a filosofia da mente de J. Searle

O estudo principal do filósofo John Searle é, sem dúvida, uma filosofia da mente que refute a teoria de que a mente seja um programa de computador, levando em conta o entendimento da intencionalidade. Contudo, sua contribuição traz à tona problemas relevantes na filosofia da educação oriundos do dogmatismo tanto dualista quanto materialista surgidos após a revolução científica do século XVII, quando se dá a ruptura da filosofia e da ciência (intimamente ligadas na Grécia antiga) e que lentamente se constituíram os métodos das chamadas ciências particulares (física, química, biologia, sociologia, psicologia, etc), delimitando um campo específico de pesquisa.

A consequência contemporânea principal da tradição histórica deste dogmatismo dualista e materialista da filosofia se coloca como um obstáculo que cega os observadores aos fatos óbvios de suas experiências, devido a uma metodologia e a um vocabulário que faz hipóteses obviamente falsas parecerem aceitáveis.

Atualmente, na filosofia da mente, tem-se um receio de cair no dualismo cartesiano, pois “a falência da tradição cartesiana e o absurdo de supor que há

dois tipos de substâncias ou propriedades no mundo, 'mental' e 'física', são tão ameaçadores para nós e têm uma história tão execrável que relutamos em admitir qualquer coisa que possa cheirar a cartesianismo.”<sup>5</sup> Na verdade, Searle procura justificar a existência da consciência como algo funcional e integrante à constituição biológica humana, ou seja, que o estado mental da consciência é apenas uma característica biológica ordinária, física, do cérebro. Dessa forma, o dualismo cartesiano (que faz uma dicotomia entre mente e corpo) faz com que a consciência, ou mais especificamente a mente (pois a consciência é um estado da mente), seja uma substância independente: eis a característica metafísica do cartesianismo.

Por uma certa tradição que tem acontecido na filosofia e suas demais áreas (inclusive na filosofia da educação e principalmente a filosofia da mente), as explicações que se mostram viáveis ou confiáveis dão-se entre alguma forma de materialismo e alguma forma de dualismo. Entretanto, se os estados mentais não justificam pelo aparato cartesiano, parece então que serão justificados por explicações materialistas. E essa concepção, na argumentação de Searle, encontra-se notavelmente errada.

Além do problema da dicotomia mente-corpo, como foi visto, o cartesianismo ainda traz outro problema: com sua tradição, foi herdado um vocabulário, e, com o vocabulário, um determinado conjunto de categorias, dentro das quais existe historicamente um condicionamento do raciocínio sobre estes problemas. O que principalmente se inclui neste vocabulário é uma série de oposições como físico/mental, corpo/mente, matéria/espírito etc., que excluem a hipótese de que, sob os mesmos aspectos, o mesmo fenômeno não pode satisfazer a ambos os termos. Portanto, de acordo com esse vocabulário tradicional, se algo se destaca como mental, não pode ser físico; se for uma questão de espírito, não é uma questão de matéria.

Contudo, a tese da filosofia da mente que Searle sustenta e que vai contra esse vocabulário e contra esse condicionamento de raciocínio é de que existe algo que seja mental e físico: a consciência, pois ela se destaca como uma propriedade mental, e portanto física, do cérebro, no sentido em que a liquidez é uma propriedade de sistemas de moléculas. Disso implica que se alguma característica for mental, não significa que não seja física também, e vice-versa<sup>6</sup>.

De início, tal afirmação se mostra falsa, mas existe um diagnóstico muito perceptível disto: esbarra com o vocabulário tradicional deixado pelo cartesianismo. Mas, em termos da filosofia da mente, tal afirmação é perfeitamente aceitável, o que mostra a inadequação do vocabulário tradicional.

Um outro problema que o costume do cartesianismo e do desenvolvimento das ciências a partir do século XVII tem atualmente prosperado foi uma forte

5 SEARLE, J. 1997. p.23.

6 Cf. SEARLE, J. 1997, p. 25 e 26.

tendência objetivadora. Ou seja, atualmente se verifica uma tendência objetivadora persistente na filosofia, na ciência e na vida intelectual em geral. Portanto, a idéia básica é de que a realidade é necessariamente objetiva e que deve ser igualmente acessível a qualquer observador. Mas no que se refere ao problema do entendimento da mente, esta perspectiva conduz a uma certa contradição.

Postula-se que a única forma de estudar a mente de acordo com o que é científico é estudá-la com referência a um conjunto de fenômenos objetivos. Dessa forma as questões em relação à mente são transferidas da subjetividade dos estados mentais para a objetividade do comportamento externo (como o behaviorismo descreve os aspectos mentais). Ou seja, quando os processos mentais são analisados desta forma, perde-se seu caráter sub-

jetivo intrínseco e tais processos mentais internos, de uma determinada pessoa, passa a ser analisada por um observador, obtendo uma característica de terceira pessoa, como John Searle menciona ao longo de seus escritos. Assim, de acordo com o autor, a ontologia dos estados mentais é uma ontologia de primeira pessoa, pois só ela própria pode saber o que realmente se tem em mente<sup>7</sup>. Eis a argumentação que descarta a comparação da mente como um computador e demonstra como é difícil uma terceira pessoa saber algo que realmente se tem em mente, e algo que se comporta como se tivesse em mente (o computador), pois sentimentos como crenças ou desejos, por exemplo, são sempre sentimentos de alguém, que se encontram potencialmente conscientes.

Dessa forma, pode ser sustentada a afirmação de que Searle está convencido, ou seja, que nem toda a realidade é objetiva; parte dela é subjetiva. Sabendo que à experiência da realidade se acrescentam atributos de consciência e de subjetividade, e estes atributos são essenciais para a mente, a concepção tradicional de mente está mal formulada, pois descarta a consciência e a subjetividade, o que é um absurdo.

Tal justificativa está no fato de que a mente consiste necessariamente em *qualia*, ou seja, das qualidades sentidas pelas experiências. Aqui, o pensamento de Searle se aproxima do de Wittgenstein (filósofo que ele muito respeita), quando nas *Investigações Filosóficas* convida o leitor a imaginar uma pessoa que escreve um diário, registrando um tipo particular de sensação, ao qual ele pretende dar um certo nome, mas não consegue; e mesmo que conseguisse dar um certo

**Atualmente, na filosofia da mente de J. Searle, há o receio de cair no dualismo cartesiano e no absurdo de supor que há dois tipos de substâncias ou propriedades no mundo.**

<sup>7</sup> Idem, p. 28.

nome, apenas ele teria o acesso ao seu pleno entendimento, pois sua experiência é única. Esse é o termo da *linguagem privada* de que Wittgenstein se utiliza em seus escritos. Contudo, parece epistemologicamente intolerável que houvesse uma oposição entre o modo como cada indivíduo conhece os seus fenômenos mentais internos e o modo como as pessoas de fora os conhecem. Portanto, apenas a observação do comportamento de uma outra pessoa não traz o entendimento completo da existência de seus fenômenos mentais.

Portanto, dizer que a realidade física se caracteriza como *res cogitans*, na concepção de Descartes, está simplesmente inadequado à descrição dos fatos que correspondem a afirmações sobre a realidade física, pois primeiramente não encontramos uma oposição entre “físico” e “mental”, ou entre “matéria” e espírito”: são estados reais distintos, mas não opostos, pois possuem características particulares. Numa segunda observação, verifica-se que atualmente não é difícil perceber a terminologia *res extensa* de Descartes em relação ao físico como algo ultrapassado, pois, por exemplo, a teoria da relatividade provou a existência de elétrons em termos físicos como pontos de massa/energia, o que não se enquadra na definição cartesiana de “físico”.

Assim, um grande erro deixado pelo cartesianismo foi o costume de classificar qualquer coisa que possa ser compreendido como “física”, acontecendo que qualquer coisa é ou física ou inteligível. Mas o erro está na evidência de que não se pode negar a existência de, por exemplo, as regras de uma instituição, as leis de um estado ou a saudade, que não são físicos, mas possuem sua própria maneira de existir.

Até aqui se nota a incoerência do dualismo em suas variadas formas. É claro que não se pode descartar tudo o que seja cartesiano e, aliás, a refutação de tudo o que se pareça a cartesianismo tem até se transformado em modismo em determinados meios intelectuais. Mas o fato é que o método e as bases racionalistas tiveram sua utilidade histórica na ciência. Contudo, o problema foi ter levado a fragmentação até às últimas conseqüências, sem voltar ao todo, obtendo assim um conhecimento incompleto das coisas, além do fato de dogmatizar esse racionalismo.

Atualmente, como já foi mencionado, o dualismo cartesiano encontra-se ultrapassado e muitas de suas questões estão incoerentes com a bagagem de conhecimento que se adquiriu nas últimas décadas. Mas, além disso, quando se reconhece a incoerência do dualismo, necessariamente pode ser visto que o monismo e o materialismo também estão, no contexto atual, errados. “Os dualistas perguntaram: ‘Quantos tipos de coisas e propriedades existem?’, e contaram dois. Os monistas, confrontando-se com a mesma questão, chegaram somente até um. Mas o erro verdadeiro foi realmente começar a contar.”<sup>8</sup> E é um erro supor que seja

---

8 Idem. p. 42.

necessário escolher entre essas concepções, o que seria aceitar a explicação reducionista da realidade.

A explicação materialista da realidade exclui, assim como o dualismo, algumas características desta realidade como, no caso da filosofia da mente, exclui suas características essenciais, tais como a consciência, *qualia* (analisada anteriormente) ou o conteúdo semântico. Tal explicação encontrará necessariamente dificuldades, pois excluindo tais características seria excluir a própria definição de mente e a persistência por esse caminho de explicação leva indubitavelmente a uma explicação incoerente do que é ao certo a mente.

O materialismo, pelo fato de reduzir a explicação da realidade em termos de matéria, tende a naturalizar o conteúdo das explicações, se aproximando a um naturalismo. “Naturalizar o conteúdo” significa explicar uma determinada coisa ou fato em termos de fenômenos físicos, ou seja, reduzir a explicação a fenômenos físicos, não-mentais. Na questão da filosofia da mente, no que diz respeito principalmente à intencionalidade (característica da consciência), o materialismo procura naturalizar o conteúdo intencional. Suas explicações naturalísticas, no caso da intencionalidade da mente, certamente deixarão de lado sua subjetividade e conseqüentemente fracassarão, pois qualquer tentativa de reduzir a intencionalidade a algo não-mental deixa de lado a intencionalidade.

Portanto, não é difícil perceber a incompatibilidade do materialismo com a realidade e a eficácia causal da consciência, da subjetividade. Além do mais, existe uma hipótese que permeia o materialismo que é a hipótese cartesiana, ou seja, de que materialismo implica um antimentalismo e vice-versa. Esta oposição de conceitos é aquela proposta desde o cartesianismo e que, embora se posicione como opositor, o materialismo, de certa forma, adota na explicação reducionista da realidade.

O que se quer dizer com isso é que o materialismo resgata a pior suposição do dualismo, e com ele, o vocabulário e as categorias associadas, características que são a fonte das maiores dificuldades filosóficas. Influenciado por Wittgenstein, o autor já mencionava que “o erro filosófico era provocado em primeiro lugar por uma má compreensão dos mecanismos da linguagem, e também por nossa tendência à generalização exagerada e à aplicação dos métodos da ciência em áreas para as quais eles não são apropriados.”<sup>9</sup> Em conclusão, nem o dualismo (seja o

**A Escola Tecnicista é reducionista. A educação não pode restringir-se a uma parte da realidade, ou seja, à transmissão do conhecimento científico.**

<sup>9</sup> SEARLE, J. 2000, p. 18.

dualismo de substância, seja o dualismo de propriedade) nem o materialismo, em qualquer uma de suas mais variadas formas, explicam corretamente as características e os estados mentais.

O dualismo de substância destaca dois tipos radicalmente diferentes de entidades no universo: os objetos materiais e as mentes imateriais. O dualismo de propriedade destaca dois tipos de propriedades dos objetos distintos metafisicamente: as propriedades físicas (a medida de uma coluna, por exemplo) e as propriedades mentais (como a dor de uma ausência, por exemplo). Assim, as duas formas de dualismo separam os dois tipos em uma questão de exclusividade, levando à idéia de que se algo é mental, não pode necessariamente ser físico e vice-versa.

Atualmente, muitas explicações em filosofia aderem a alguma forma de dualismo e, freqüentemente, quando não se adere ao dualismo, adere-se às explicações materialistas. E as formas mais variadas de materialismo como o behaviorismo, o fisicalismo ou o funcionalismo, tentam se livrar dos fenômenos mentais em geral e da consciência em particular, reduzindo-os a alguma forma física ou material.

Assim, Searle apresenta sintaticamente os principais problemas do dualismo e do materialismo em relação à filosofia da mente:

*Por um lado, o dualismo, em qualquer de suas formas, faz do status e da existência da consciência algo totalmente misterioso. Como, por exemplo, podemos conceber qualquer tipo de interação entre a consciência e o mundo físico? Uma vez que postulou um reino mental separado, o dualista não é capaz de explicar como ele se relaciona com o mundo material no qual vivemos. Por outro lado, o materialista parece obviamente falso: ele acaba por negar a existência da consciência, negando, assim, a existência do fenômeno que levanta a questão em primeiro lugar.<sup>10</sup>*

E em seguida apresenta a conclusão para este problema da compreensão da mente na filosofia:

*Não penso que sejamos forçados nem ao dualismo nem ao materialismo. O que deve ser lembrado é que a consciência é um fenômeno biológico como qualquer outro. É verdade que ele tem características especiais, principalmente a característica da subjetividade, como vimos, mas isso não impede a consciência de ser uma característica cerebral de nível superior da mesma maneira como a digestão é uma característica estomacal de nível superior, ou a liquidez uma característica de nível superior do sistema de moléculas. O modo de responder ao materialismo é assinalar que ele ignora a*

---

10 Idem, p.51.

*existência real da consciência. O modo de vencer o dualismo é simplesmente nos recusarmos a aceitar o sistema de categorias que faz da consciência algo não biológico, que não faz parte do mundo natural.*<sup>11</sup>

Dessa forma, foi visto que a perspectiva pelo conhecimento atual dos fatos não era consistente com as alternativas tradicionais apresentadas, ou seja, o dualismo e o materialismo. Essas alternativas pressupõem que as categorias corpo e mente, matéria e consciência são mutuamente excludentes, mas a solução apresentada mediante a contribuição de Searle foi de se livrar dessas categorias. Assim, pode-se aceitar coerentemente todos os fatos que se conhece, independentemente de compromissos filosóficos: um modelo relacional de compreensão (não relativista) dos fatos, sem se envolver em dogmatismos filosóficos ou tradições lingüísticas ou de raciocínio.

## As perspectivas educacionais em relação ao modelo relacional da filosofia da mente

Há diversas maneiras pelas quais o homem pode entrar em contato com o mundo que o cerca. Essas maneiras variam conforme as circunstâncias e necessidades, bem como com o tipo de cultura em que se está inserido. A educação do homem também segue tais circunstâncias e necessidades, destacando-se principalmente as abordagens científica, filosófica e do senso comum.

Todos os povos têm uma educação, pela qual transmitem a cultura, seja de maneira informal ou por meio de instituições. No entanto, se faz necessária a reflexão especificamente sobre o ato de educar, ou seja, acompanhar reflexiva e criticamente a ação pedagógica, de modo a promover a passagem “de uma educação assistemática (guiada pelo senso comum) para uma educação sistematizada (alçada ao nível da consciência filosófica).”<sup>12</sup>

Porém, tal educação sistematizada se caracteriza por se manter mediante tendências de ação pedagógica, entendidas como válidas em determinado momento histórico. Ou seja, a forma como se passa a educação molda-se de acordo com as posturas centradas em uma das partes do processo pedagógico tais como a instituição educacional, da metodologia etc.

Tal trabalho não tem a intenção de lançar uma nova proposta pedagógica, o que seria muita pretensão. A intenção é entender a proposta que está sendo praticada, em relação à construção feita em torno da *consciência* educacional, da in-

---

11 Idem, p.55.

12 SAVIANI, D. 1987, p. 54.

fluência *social* e do uso da *linguagem*: características intrínsecas do processo educacional.

Em qualquer tempo dado na história racional, seus intelectuais estão trabalhando dentro de determinadas tradições que fazem determinadas perguntas parecerem as perguntas certas e determinadas respostas parecerem as únicas respostas possíveis. Tal característica nota-se claramente nas entrelinhas do cartesianismo e na forma com que tal sistema foi entendido e exercido.

Contudo, não se deve negar a importância e a validade de certas questões que envolvem o cartesianismo. Atualmente existe um certo preconceito quando se menciona algo relacionado a tal sistema que o termo se tornou rejeitado e até pejorativo no meio intelectual. Mas no que concerne às características educacionais, um fato é inegável da herança cartesiana: houve uma fragmentação do saber em suas mais possíveis formas. Junto com a tradição cartesiana foi herdado um vocabulário com um determinado conjunto de categorias. A educação entendeu e apreendeu a proposta de Descartes de forma parcial, ou seja, foram utilizados apenas os dois primeiros passos de seu método. Assim, após a fragmentação do saber não se conseguiu mais voltar ao todo, ficando restrito às partes. Destaca-se assim uma especialização na parte e desconhecimento do todo, que resulta num conhecimento incompleto e não confiável.

Assim se fundamentou a postura tradicional da educação, embriagada por uma concepção mecanicista de mundo, onde o conhecimento era apenas reproduzido. Não apenas conhecimento, mas até a própria disciplina foi pensada mecanicamente. “A disciplina é uma técnica de poder que implica uma vigilância perpétua e constante dos indivíduos. Não basta apenas olhá-los às vezes ou ver se o que fizeram é conforme a regra. É preciso vigiá-los durante todo o tempo da atividade e submetê-los a uma perpétua pirâmide de olhares” (FOUCAULT, 1979, p.105-106).

Todas estas posturas mecanicistas foram questionadas com o desenvolvimento da ciência *pós-moderna*. Mesmo com muitas mudanças feitas no decorrer do processo, vários costumes cartesianos ainda se encontram na atual tendência educacional.

Embora, como já foi mencionado, o pensamento de John Searle volta-se ao campo da filosofia da mente, suas análises dos problemas atribuídos ao dualismo cartesiano e ao materialismo em relação à intencionalidade da consciência são muito úteis a esta intenção final do trabalho, que é, de modo especial, analisar a postura educacional do *tecnicismo*.

A tendência tecnicista de educação surgiu com a idéia de inserir a escola no modelo de racionalização e produção típicas do sistema de produção capitalista, advindo dos Estados Unidos. Em pouco tempo influenciou os países latino-americanos, dentre eles, o Brasil, o qual, a partir do golpe militar de 64 iniciou uma reforma educacional, adotando tal tendência.

A escola passa a ser montada a partir do modelo empresarial, com o objetivo de adequar a educação às exigências que a sociedade industrial e tecnológica estabelece, que é preparar recursos humanos, ou melhor, mão-de-obra qualificada para a indústria. Como o destaque principal da indústria das últimas décadas foi o grande desenvolvimento tecnológico, a educação tecnicista se preocupou primeiramente com a transmissão do saber científico exigido pela moderna tecnologia. E para se adequar a essa transmissão de saber, o método empregado, sem dúvida, foi o taylorista.

**Agregar objetividade e subjetividade é o desafio do educador na atualidade.**

Tal modelo educacional tem como pressupostos teóricos a corrente filosófica positivista do século XIX e a psicologia americana behaviorista. Segundo o positivismo, o conhecimento científico é o mais apropriado para explicar a realidade e, dessa postura chamada também de cientificista, o saber é fragmentado em seus mais variados campos, cabendo a cada especialista a investigação rigorosa de uma parte da realidade, perdendo a visão do todo. Além do mais, surge uma suposta concepção autoritária do especialista, considerado como o único capaz de compreender a realidade, possuidor de poder, pois o poder pertence a quem possui o saber.

O pressuposto teórico behaviorista do tecnicismo caracteriza-se como uma psicologia que também possui base positivista materialista. O behaviorismo fornece os instrumentos teóricos para a aplicação do processo de condicionamento e controle do comportamento.

Com todas essas intenções, o tecnicismo acabou por aviltar o nível do ensino no Brasil, principalmente do ensino público, onde foram retiradas algumas disciplinas como a Filosofia, e a diminuição de aulas de história, por exemplo. Essa queda de qualidade foi em consequência do despreparo dos professores e pelo fato de que tal método americano não poderia ser integralmente implantado numa outra cultura, como a brasileira, pois há um choque de conjuntos de costumes, de relações, de entendimentos, etc. distintos.

Estes últimos parágrafos apresentaram os problemas que tanto o cartesianismo como o materialismo (de forma especial, o behaviorismo desenvolvido a partir do positivismo) deixaram na atual educação. Dessa forma, a análise do pensamento de Searle permite encontrar o foco de tais problemas: quando se reduz o entendimento de uma realidade como a educação a um pressuposto, tende necessariamente ao desenvolvimento de uma parcela de tal realidade, sublimando as demais.

No caso do modelo educacional tecnicista, a influência do materialismo reduziu a educação ao pressuposto transmissão do saber científico, sublimando a dimensão subjetiva. Não se pode negar aqui, também, a influência cartesiana de objetivar a realidade. Em educação não se deve esquecer que, como disse Searle

na capa de sua obra *A Redescoberta da Mente*, nem toda a realidade é objetiva; parte dela é subjetiva. Inclui nesses deveres de educador não se agarrar aos dogmatismos tanto educacionais quanto filosóficos, psicológicos ou culturais, mas reconhecer um modelo de compreensão da realidade relacional, levando em conta todas as dimensões possíveis com responsabilidade. Assim, muitos problemas culturais, lingüísticos ou psicológicos poderiam ser evitados, pois a educação seria mais eficiente.

A Educação não pode restringir-se a uma parte da realidade, ou seja, apenas à transmissão do conhecimento científico. Sob este aspecto, pode-se dizer que a Escola Tecniciста é reducionista. Neste tipo de escola o ensino torna-se disciplinar e sofre fragmentação. A Educação não pode ater-se somente ao que é objetivo mas, é necessário agregar também a subjetividade porque, de acordo com Searle, parte da realidade é subjetiva. Este é o desafio do educador na atualidade.

## Referências bibliográficas

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

LÉNINE, V. I. **Materialismo e empiriocriticismo**. Lisboa: Edições Avante, 1982.

MORA, J. F. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. Coimbra: Edições Afrontamento, 1987.

SAVIANI, D. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. São Paulo: Moderna, 1987.

SCIACCA, M. F. **História da filosofia**, Vol. II: Do Humanismo a Kant. São Paulo: Mestre Jou, 1988.

SEARLE, J. R. **A descoberta da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SEARLE, S. R. **Mente, linguagem e sociedade: filosofia do mundo real**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.